

Título do original em alemão
Die Protestantische Ethik Und Der Geits Des Kapitalismus

Copyright ©
J. C. B. Mohr (Paul Siebeck)

Direitos para a língua portuguesa
adquiridos por Enio Matheus Guazzelli & Cia. Ltda.

Capa
Jairo Porfírio

PASTA:	13
CÓPIAS:	13
R\$:	175
R\$:	175
PRENTE	175
F/V	175

Nota: Tradução do original alemão "Die Protestantische Ethik Und Der Geits Des Kapitalismus", in Gesamelte Aufsätze zur Religionssoziologie - Tübingen, 1947, Verlag von J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), vol. I, pp. 1 a 205 - originalmente publicado no Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik J. C. B. Mohr, Tübingen, 1904 e 1905, volumes XX e XXI.

A tradução das expressões gregas do texto é devida ao auxílio do professor José Cavalcanti de Souza, da cadeira de Língua e Literatura Grega da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. A transcrição e a tradução dos termos hebraicos foi feita pelo professor Isaac Nicolau Salum, da cadeira de Filosofia Românica, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida
sem a permissão, por escrito, da Editora.
Aos infratores se aplicam as sanções previstas nos artigos 102,
104, 106 e 107 da Lei nº 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

© Copyright 2000

Todos os direitos reservados para
EDITORA GUZZELLI LTDA.
02515-050 - Praça Dirceu de Lima, 313 - Casa Verde
Tel.: (011) 858-3199 - Fax: (011) 858-0443 - São Paulo - SP
e-mail: pioneira@editorapioneira.com.br
site: www.editorapioneira.com.br

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

a ética protestante e o espírito do capitalismo

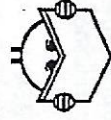
Max Weber

Tradução de
M. Irene de Q. F. Szmrecsányi
Do Departamento de História da Faculdade de Arquitetura
e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Tamás J. M. K. Szmrecsányi
Do Departamento de Educação da Faculdade de
Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro

(4)

15ª Edição



EDITORA PIONEIRA
São Paulo

PASTA Nº:	32
QTDE FLS:	13

PASTA:	32
CÓPIAS:	13
R\$:	175
R\$:	175
PRENTE	175
F/V	175

CAPÍTULO V

A Ascese e o Espírito do Capitalismo

Para o relacionamento das idéias religiosas fundamentais do Protestantismo ascético com as suas máximas da vida econômica cotidiana, é preciso antes de mais nada, recorrer aos escritos teológicos decorrentes da prática sacerdotal. Isto porque, numa época em que o além era tudo e em que a posição social dos cristãos decorria da admissão à comunhão, a influência do sacerdote na cura das almas, a disciplina eclesiástica, e a pregação exerciam uma influência — como se pode perceber através de qualquer leitura do conjunto dos *consilia*, dos *casus conscientiae* etc. — que nós, homens modernos, somos completamente incapazes de imaginar. Naquele tempo, as forças religiosas, expressas através desses canais, tiveram uma influência decisiva na formação do "caráter nacional".

Podemos, pois, para efeito das discussões desse capítulo e em contraposição a discussões posteriores,* tomar o protestantismo ascético como um todo. Entretanto, uma vez que é o puritanismo inglês, oriundo do calvinismo, que nos dá a fundamentação mais consequente da idéia de vocação, colocaremos, de acordo com a nossa orientação, um dos seus representantes no centro da discussão. Richard Baxter destaca-se entre muitos outros intérpretes teóricos** da ética puritana, tanto pela sua posição eminentemente prática e pacífica,*** como pelo reconhecimento universal do valor de seus trabalhos, através de sua constante reedição e tradução. Presbiteriano e apologista do sínodo de Westminster, ao mesmo tempo, como ocorria com muitos dos melhores espíritos de sua época, foi-se afastando dos dogmas do calvinismo ortodoxo. Internamente, foi um adversário da usurpação de Cromwell, porque era des-

* Ver N. dos T., pág. 12.

** Literarischen Vertretern no original.

*** Irenische no original.

favorável a toda revolução, a todo sectarismo, e ao fanatismo dos "santos". Tinha, contudo, uma grande compreensão pelas opiniões alheias, e era objetivo frente aos seus adversários. Desenvolveu seu trabalho principalmente no sentido da promoção da vida moral eclesiástica, e, como um dos mais bem sucedidos sacerdotes de toda a história, pôs-se a serviço dessa causa no regime parlamentar, sob o regime de Cromwell e na Restauração,¹ até sua aposentadoria sob essa última — antes do dia de São Bartolomeu. Seu *Christian Directory* é o mais completo compêndio da teologia moral puritana, inteiramente orientado pela experiência prática do seu ministério. Como termo de comparação, usaremos os *Theologische Bedenken* de Spener, representante do pietismo alemão, e a *Apology* de Barclay, representante dos quakers e também outros representantes da ética ascética,² que, entretanto, no interesse da extensão deste trabalho, serão lembrados, dentro do possível, de maneira sucinta.³

Tomando como exemplo o *Saint's Everlasting Rest* ou o *Christian Directory* de Baxter, ou trabalhos semelhantes de outros autores,⁴ destaca-se imediatamente a ênfase colocada em sua discussão sobre a riqueza⁵ e sua aquisição, nos elementos ebioníticos⁶ da proclamação do Novo Testamento.⁷ A riqueza em si constitui sério perigo; suas tentações nunca cessam, e sua procura⁷ não é apenas desprovida de sentido, quando comparada com a superior importância do reino de Deus, como moralmente suspeita. A ascese parece aqui voltar-se — com muito mais veemência do que em Calvino, que não via na riqueza do clero obstáculo algum à sua eficiência, antes pelo contrário nela vendo um aumento de todo desejável da sua reputação, permitindo-lhes aplicar juros o seu pecúlio, a fim de evitar dificuldades — contra toda procura de riqueza em bens temporais. Exemplos de condenação da procura de bens e de dinheiro podem ser encontrados em quantidade nos escritos puritanos, e comparados com a literatura da baixa Idade Média, muito mais liberal a este respeito.

* Palavra de origem hebraica. Os ebionitas (= pobres) eram os judeus favoráveis a Jesus, que viam no Cristo não o filho de Deus, mas um profeta como os demais do Velho Testamento. Creuça e selto que se mantiveram ativos no Oriente Médio até o século V.

E ela é levada absolutamente a sério com tais dúvidas — que merecem um exame mais cuidadoso para a devida compreensão de seu significado ético e das suas implicações. Isto porque, a verdadeira objeção moral refere-se ao descanso⁹ sobre a posse,⁸ ao gozo da riqueza, com a sua consequência de ócio e de sensualidade, e, antes de mais nada, à desistência da procura de uma vida "santificada". E apenas é condenável porque a riqueza traz consigo este perigo de relaxamento. Pois o "eterno descanso da santidade", encontra-se no outro mundo; na Terra, o Homem deve, para estar seguro de seu estado de graça, "trabalhar o dia todo em favor do que lhe foi destinado". Não é, pois, o ócio e o prazer, mas apenas a atividade que serve para aumentar a glória de Deus, de acordo com a inequívoca manifestação da Sua vontade.⁹

A perda de tempo, portanto, é o primeiro e o principal de todos os pecados. A duração da vida é curta demais, e difícil demais, para estabelecer¹⁰ a escolha do indivíduo. A perda de tempo¹¹ através da vida social, conversas ociosas, do luxo,¹¹ e mesmo do sono além do necessário para a saúde¹² — seis, no máximo oito, horas por dia — é absolutamente indispensável do ponto de vista moral.¹³ Não se trata assim do "Time is Money" de Franklin, mas a proposição lhe é equivalente no sentido espiritual: ela é infinitamente valiosa, pois, de toda hora perdida no trabalho redundará uma perda de trabalho para a glorificação de Deus.¹⁴ Daí não ter valor e, eventualmente, ser diretamente condenável a contemplação passiva, quando resultar em prejuízo para o trabalho cotidiano,¹⁵ pois ela é menos agradável a Deus do que a materialização de Sua vontade de trabalho.¹⁶ Para isso, existe o domíngio, e, segundo Baxter, são os que não estão absortos em sua vocação, que nem para Deus têm tempo, na hora existente para esse mister.¹⁷

De acordo com isso, apresenta-se, no principal trabalho de Baxter, uma pregação constante, às vezes quase apaixonada, em prol de um trabalho físico ou mental mais duro e consistente.¹⁸ Isto é devido à ação conjunta de dois fatores.¹⁹ De um lado, o trabalho é o velho e experimentado instrumento

⁹ *Das Ausruhen auf dem Besitz* no original.

¹⁰ *Festzumachen* no original.

¹¹ *Faulen Gerede* no original.

ascético,⁹ apreciado mais do que qualquer outro²⁰ na Igreja do Ocidente, em acentuada contradição, não só com o Oriente, mas também com quase todas as ordens monásticas do mundo.²¹ Ele é particularmente, o preventivo específico contra todas as tentações que o puritanismo agrupa sob a denominação de "unclean life"²² e cujo papel nunca foi modesto. A ascese sexual do puritanismo somente difere no grau, e não na essência, da ascese monacal; e, de acordo com a concepção puritana do casamento, é de muito maior alcance do que ela. Isto porque, as relações sexuais são apenas permitidas, mesmo dentro do casamento, como meio desejado por Deus para aumento de Sua glória, de acordo com o mandamento "Crescei e Multiplicai-vos".²³ Contra as dúvidas religiosas e a inescrupulosa tortura moral, e contra todas as tentações da carne, ao lado de uma dieta vegetariana e de banhos frios, prescreve-se: "Trabalha energicamente em tua Vocação".²³

Mas, o mais importante é que o trabalho constitui, antes de mais nada, a própria finalidade da vida.²⁴ A expressão paulina "Quem não trabalha não deve comer" é incondicionalmente válida para todos.²⁵ A falta de vontade de trabalhar é um sintoma da ausência do estado de graça.²⁶

Aparece aqui, visivelmente, o desvio da posição medieval. Também São Tomás de Aquino havia interpretado essa frase. Depois dele,²⁷ todavia, o trabalho foi considerado necessário *naturali ratione* para o sustento da vida individual e coletiva. Onde não há essa necessidade, cessa também a validade dessa prescrição. Ela só se refere à espécie, e não a cada um individualmente. Quem puder viver de sua propriedade sem trabalhar não depende dela, e, naturalmente, a contemplação, como forma espiritual de trabalho no reino de Deus, parece o significado literal. Além disso, para a teologia popular da época, a forma mais elevada de produtividade monástica, estava no aumento do *Thesaurus ecclesiarum*, através da oração e do canto.

Essas conexões ao dever de trabalhar não só deixam de prevalecer naturalmente para Baxter, como ele ainda fez questão de frisar energicamente que a riqueza não eximia quem

⁹ *Asketisches Mittel* no original.

²⁰ Em inglês no original. Significado aproximado: vida desonesta.

²¹ *Seid fruchtbar und mehret euch* no original. Em vez de

"crescei", uma tradução rigorosa daria "frutificai".

quer que fosse do mandamento universal.²⁸ Nem o rico pode comer sem trabalhar, pois mesmo que não precise disto para o seu sustento, ainda assim prevalece o mandamento de Deus, que deve ser obedecido por ele, tanto quanto pelo pobre.²⁹ Isto porque todos, sem exceção, recebem uma vocação da Providência Divina, vocação que deve ser por todos reconhecida e exercida. Essa vocação não é, como no luteranismo,³⁰ um destino ao qual cada um se deva submeter, mas um mandamento de Deus a todos, para que trabalhem na Sua glorificação. Essa diferença, aparentemente irrelevante, teve amplas consequências psicológicas, relacionando-se com um maior aperfeiçoamento dessa significação providencial da ordem econômica, que já fora iniciada na Escolástica.

O fenômeno da divisão do trabalho e das profissões já fora tratado, entre outros, por São Tomás de Aquino, ao qual convém nos referirmos mais uma vez, como decorrência divina dos planos divinos. Mas, a disposição dos homens nessa ordem segue-se *ex causis naturalibus* e é fortuita (ou "contingente", na terminologia escolástica). A diferenciação dos homens em camadas e vocações, estabelecida através do desenvolvimento histórico, como vimos, tornou-se para Lutero um resultado direto da vontade divina, e, conseqüentemente, a permanência de cada um na posição e dentro dos limites que lhe foram assinalados por Deus, um dever religioso.³¹ Isto resultou principalmente do fato de as relações da religião luterana com o século terem sido incertas desde o começo, e de assim terem permanecido. Princípios éticos para a reforma do mundo não podiam ser encontrados no rol dos pensamentos de Lutero, que nunca conseguiu libertar-se completamente da indiferença paulina pelo mundo. Este, portanto, devia ser aceito como era, e só isto já podia constituir-se num dever religioso.

O caráter providencial da interação dos interesses particulares assume, todavia, uma forma diversa na perspectiva puritana. De acordo com a tendência do puritanismo, o caráter providencial da divisão do trabalho dá-se a conhecer pelos seus resultados. Sobre estes, Baxter tece considerações que, em mais de um ponto, lembram diretamente a conhecida apoteose da divisão do trabalho de Adam Smith.³² A especialização das ocupações leva, à medida que possibilita o desenvolvi-

mento das habilidades³³ do trabalhador, a progressos quantitativos e qualitativos na produção, servindo assim também ao bem comum,³⁴ que é idêntico ao bem do maior número.

Até aí, a motivação é puramente utilitária, e, por isso, apartada a diversos pontos de vista da literatura secular da época.³⁵ Mas, o elemento caracteristicamente puritano logo aparece quando Baxter coloca à frente de sua discussão a seguinte proposição: "Fora de uma vocação bem sucedida, as realizações do homem são apenas casuais e irregulares, e ele gasta mais tempo na vadiagem do que no trabalho", e também quando conclui dizendo que "ele (o trabalhador especializado) efetuará seu trabalho ordenadamente, enquanto um grupo permanecerá numa contínua confusão, não conhecendo sua atividade, nem tempo nem lugar...³⁶ razão pela qual tem um ofício certo... é o melhor para todos". O trabalho irregular, que muitas vezes o operário comum é obrigado a aceitar, é, muitas vezes, um inevitável, mas, sempre um indesejável estado de transição. Assim, falta à vida do homem: sem-ofício aquele caráter sistemático e metódico requerido, como vimos, pelo ascetismo secular.

Também de acordo com a ética quaker é a vida profissional do homem que lhe dá certo treino moral, uma prova de seu estado de graça para a sua consciência, que se expressa no zelo³⁷ e no método, fazendo com que ele consiga cumprir a sua vocação. Não é trabalho em si, mas um trabalho racional, uma vocação, que é pedida por Deus. Na concepção puritana da vocação, a ênfase sempre é posta neste caráter metódico da ascese vocacional, e não, como em Lutero, na aceitação do destino irremediavelmente assinalado por Deus.³⁸

Assim, não é apenas a pergunta referente à possibilidade de o homem combinar várias vocações para o bem comum ou para o próprio bem,³⁹ que é respondida afirmativamente, não constituindo isto um desdouro para quem quer que seja, se não se tornar duvidosa⁴⁰ uma das vocações. É a própria mu-

* Para melhor explicar sua idéia Weber usa a palavra inglesa *skill* entre parênteses.

** Idem, idem, com relação à expressão *common best*.

*** Nesse caso, Weber reproduziu as expressões de Baxter: *stated calling* e *certain calling*.

**** Aqui, Weber usa a palavra inglesa *unfaithful* entre parênteses.

dança da profissão, que não é de forma alguma encarada como condenável, na medida que for produto da reflexão e da vontade de seguir uma vocação mais agradável a Deus,³⁸ o que, de acordo com os princípios gerais, equivale a uma mais proveitosa.

É verdade que a utilidade de uma vocação, e sua consequente aprovação por Deus, é orientada primeiramente por critérios morais e depois pela escala de importância dos bens produzidos para a "coletividade", colocando-se, porém, logo em seguida, um terceiro, e do ponto de vista prático, mais importante critério: a "lucratividade" individual do empreendimento.³⁹ Com efeito, quando Deus, em cujas disposições o puritano via todos os acontecimentos da vida, aponta, para um de Seus eleitos, uma oportunidade de lucro, este deve aproveitá-la com um propósito, e, conseqüentemente, o cristão autêntico deve atender a esse chamado, aproveitando a oportunidade que se lhe apresenta.⁴⁰ "Se Deus vos aponta um meio pelo qual legalmente obtiverdes mais do que por outro (sem perigo para a vossa alma ou para a de outro), e se o recusardes e escolherdes um caminho menos lucrativo, então estareis recusando um dos fins de vossa vocação, e recusareis a ser o servo do Deus, aceitando suas dádivas e usando-as para Ele, quando Ele assim o quis. Deveis trabalhar para serdes ricos para Deus, e, evidentemente, não para a carne ou para o pecado".⁴¹

...A riqueza, desta forma, é condenável eticamente, só na medida que constitua uma tentação para a vadiagem e para o aproveitamento pecaminoso da vida. Sua aquisição é má somente quando é feita com o propósito de uma vida posterior mais feliz e sem preocupações. Mas, como o empreendimento de um dever vocacional, ela não é apenas moralmente permissível, como diretamente recomendada.⁴² A parábola do servo que foi desaprovado por não ter aumentado a soma que lhe foi confiada serve para expressar isso diretamente.⁴³ Querer ser pobre, como repetidas vezes se disse, equivalia a querer ser doente,⁴⁴ era reprovável do ponto de vista da glorificação do trabalho e derogatório à glória de Deus. Especialmente a mendicância dos capazes de trabalhar não constitui apenas um pecado de preguiça, mas ainda, de acordo com a palavra do apóstolo, uma violação do dever de amor ao próximo.⁴⁵

A ênfase do significado ascético de uma vocação fixa propiciou uma justificação ética para a moderna divisão do trabalho. Da mesma forma, a interpretação providencial da probabilidade de lucros propiciou-a para os homens de negócios.⁴⁶ A aristocrática tolerância do grão-senhor e a ostentação dos novos-ricos são igualmente condenadas pela ascese. Em compensação, tem para o sóbrio *self-made man* da classe média⁴⁷ a demonstração da mais ampla aprovação ética. "*God bleeseth his trade*"⁴⁸ é uma observação corrente sobre aqueles homens bons,⁴⁹ que aproveitaram com êxito as oportunidades divinas. Todo o poder de Deus do Velho Testamento, que zela pela virtude do seu povo nesta vida,⁴⁸ necessariamente exercia uma influência semelhante sobre o puritano, que, de acordo com o conselho de Baxter, comparava o seu próprio estado de graça com o dos heróis da Bíblia,⁵⁰ ao interpretar os seus aforismas como parágrafos de um texto legal.

É verdade que as palavras do Velho Testamento não eram desprovidas de ambigüidades. Já vimos como Lutero adotou pela primeira vez o conceito de vocação no sentido similar ao atual, ao introduzir uma passagem de Jesus Sirach. O livro de Jesus Sirach pertence, porém, com o ambiente nele expresso, àquelas partes do Velho Testamento (ampliado), que apesar das influências helenísticas, caracterizava-se por uma nítida tendência tradicionalista. É sintomático que esse livro ainda pareça contar com a preferência dos camponeses luteranos até o presente,⁵¹ e que a influência luterana no pietismo, além de se expressasse por uma preferência por Jesus Sirach,⁵²

Os puritanos rejeitaram os apócrifos como não inspirados por Deus, de acordo com sua áspere distinção entre o divino e as coisas da carne.⁵³ Tanto maior era a influência, entre todos os textos canônicos, do livro de Jó, com a combinação de grandiosa concepção da soberania absoluta de Deus, acima de qualquer compreensão humana — intimamente relacionada com a do calvinismo — com sua certeza (que, embora incidental em Calvino, seria de grande importância para o puritanismo) de que a bênção de Deus sobre os seus recai também e principalmente — no livro de Jó, apenas — nesta vida, e

* Em inglês no original. Traduções aproximadas, respectivamente: "homem que venceu na vida pelo seu próprio esforço" e "Deus abençoou o seu comércio (os seus negócios)".

Uma análise das consequências caracterológicas da intersecção da vida com as normas do Velho Testamento — uma tarefa tentadora, que, entretanto, nem chegou a ser satisfatoriamente realizada no que se refere ao judaísmo⁵⁸ — seria impossível nos limites deste esboço. Além das realizações já apontadas, cabe mencionar, antes de mais nada, a importância, para a atitude interna dos puritanos, do grandioso renascimento⁵⁹ da crença de ser o povo escolhido por Deus. Como se pode ver no agradecimento do bondoso Baxter, por ter nascido na Inglaterra, e, conseqüentemente, na melhor igreja, e não em outra parte, essa atitude diante da própria perfeição pela graça de Deus penetrou fundo no modo de vida⁶⁰ da burguesia puritana, e ensejou esse caráter duro e formalisticamente correto que caracterizava os representantes da época heróica do capitalismo.

Restam, ainda, esclarecer especialmente aqueles pontos pelos quais a concepção puritana de vocação e a exigência de um comportamento ascético iria influir no desenvolvimento do estilo de vida capitalístico. Como vimos, a ascese orientava todo o seu vigor principalmente contra uma atitude: a de desfrutar espontaneamente a vida e tudo o que ela tem para nos oferecer. Isto transparece de maneira mais clara na disputa em torno do *Book of Sports*,⁶¹ que Jaime I e Carlos I transformaram em lei, especialmente para combater o puritanismo, o segundo determinando sua leitura em todos os púlpitos da Inglaterra. A fanática oposição dos puritanos à disposição do Rei era legalmente permitir certos divertimentos populares no domingo, fora das horas de culto, não foi apenas motivada pelo distúrbio do repouso sabático, mas pela premeditada distração da vida santificada que ela provocava. E quando o Rei reagia, por meio de severas punições, a qualquer ataque à legalidade de tais esportes, fazia-o conscientemente para quebrar a tendência anti-autoritária do ascetismo, tão cheia de riscos para o Estado. A sociedade monárquico-feudal defendia os que queriam divertir-se⁶² contra a moral da burguesia ascendente e as convenções ascéticas insubmissas à autoridade, da mesma forma que a atual sociedade capitalista tende a proteger os

* *Vergnügungswilligen* no original. Tradução inglesa (de Parsons): *pleasure-seekers*.

também se refere ao seu sentido material.⁶⁴ O quietismo oriental, que aparece em alguns dos mais significativos versos dos salmos e das profecias de Salomão, foi igualmente posto de lado, da mesma forma procedendo Baxter com o sentido tradicionalista do trecho da I Epístola aos Coríntios, tão importante para a idéia de vocação.

Tanto maior era a ênfase dada àqueles trechos do Novo Testamento que apresentam a legalidade formal como característica de conduta agradável a Deus. A teoria segundo a qual a Lei Mosaica perdeu sua validade através do Novo Testamento, apenas no sentido de conter preceitos cerimoniais e puramente históricos aplicáveis somente ao povo judeu, de resto permanecendo válida e, devendo ser obedecida⁶⁵ como uma expressão do direito natural, permitiu, de um lado, eliminar os elementos inconciliáveis com a vida moderna, e, do outro, o fortalecimento do espírito de sóbria e farisaica legalidade, que caracterizava o ascetismo secular dessa forma de protestantismo, através de seus inúmeros traços em comum com a moralidade do Velho Testamento.⁶⁶

Assim, quando autores — tanto contemporâneos como posteriores — apontam essa tendência ética básica, especialmente a do puritanismo inglês, como "hebraísmo inglês",⁶⁷ isto não constitui, corretamente entendido, um erro. É preciso, todavia, não pensar no judaísmo palestino dos tempos do Velho Testamento, mas no judaísmo plasmado pela influência de muitos séculos de educação formalística, normativa e talimúdica. E, neste mesmo caso, deve-se ter o máximo cuidado na analogia. A tendência geral do antigo judaísmo para a ingênua aceitação da vida como "ela era" diferia muito do caráter específico do puritanismo. Da mesma forma, distava dele — e isso tampouco pode passar despercebido — a ética econômica dos judeus da Idade Média e dos tempos modernos, justamente nos traços que determinava a posição de ambos no desenvolvimento do *ethos* capitalista. Os judeus participavam do capitalismo "aventureiro", político ou especulativo — seu *ethos*, numa palavra, era o do capitalismo pária —, enquanto o puritanismo se baseava no *ethos* da organização racional do capital e do trabalho e apenas adotou da ética judaica o que se adaptasse a tal propósito.

que querem trabalhar contra a moralidade de classe do proletariado e do anti-autoritário sindical.

Contra isso sustentavam os puritanos a sua característica mais importante: o princípio da conduta ascética. A aversão do puritanismo pelo esporte, mesmo entre o quakers, não era devido a uma questão de princípio. O esporte tinha que servir a uma finalidade racional: ao restabelecimento necessário à eficiência do corpo. Mas, era-lhe suspeito como meio de expressão espontânea de impulsos indisciplinados, e, enquanto servisse apenas como diversão ou para despertar o orgulho, os instintos, ou o prazer irracional do jogo, era evidentemente estritamente condenado. O impulsivo gozo da vida propiciado, tanto pela vocação, como pela virtude, era, como tal, também considerado contrário à ascese racional, quer se apresentasse na forma do salão de jogos ou de baile senhorial, que na forma do tablado e da taberna do homem comum.⁶²

Assim, era também desconfiada e muitas vezes hostil a sua atitude frente aos valores culturais não diretamente religiosos. Isto não quer dizer, entretanto, que os ideais do puritanismo implicassem num trivial e estreito desprezo pela cultura. A verdade é justamente o contrário — exceção feita do ódio à Escolástica. Os maiores intérpretes do puritanismo eram, além de tudo, profundamente imbuídos da cultura do Renascimento: as pregações dos líderes presbiterianos abundam em citações dos clássicos,⁶³ e até os mais radicais, embora objetassem contra ela, não se envergonhavam de apoiar-se nessa cultura em suas polémicas teológicas. Provavelmente, nunca país algum foi tão rico em graduados⁶⁴ como a Nova Inglaterra, na primeira geração de sua existência. A sátira de seus adversários, como por exemplo do *Hudibras*, de Butler, ataca principalmente a erudição alienada e a treinada dialética dos puritanos. Isto se deve em parte à valorização religiosa do conhecimento, decorrente de sua atitude para com a católica *fides implicita*.

Contudo, a situação altera-se completamente quando se analisa o campo da literatura não-científica,⁶⁵ e especialmente o das artes plásticas. Aqui, evidentemente, a ascese foi como uma ducha de água fria sobre a vida da *Merrie old England*. O ódio feroz dos puritanos contra tudo que cheirasse a supers-

• Ver N. dos T., pág. 35.

tição, contra todas as reminiscências da salvação mágica ou sacramental opunha-se, tanto às festividades cristãs do Natal, como à árvore de maio,⁶⁶ e também a toda arte religiosa espontânea. O fato de ter sido possível o desenvolvimento, na Holanda, de uma arte muitas vezes asperamente realista,⁶⁷ é uma prova do quão pouco conseguiu resistir a regulamentação ética daquele país, não só à influência da corte e da camada governante (grupo de rendeiros), como à alegria de viver de pequenos burgueses enriquecidos, depois que a curta supremacia da teocracia calvinista foi substituída por uma moderada religião de Estado, na qual o calvinismo visivelmente perdera o seu poder de influência ascética.⁶⁷

O teatro era reprovável para os puritanos,⁶⁸ e com a estrita exclusão do erótico e do corpóreo da esfera de tolerância, tornou-se impossível uma concepção tanto da literatura como da arte. As noções de *idle talk*, de *superfluities*⁶⁹ e de *vain ostentation*⁷⁰ — todas manifestações de um comportamento irracional e sem objetivo, e portanto não-ascético — nem agradável a Deus, mas apenas aos homens — sempre estavam à mão, na preferência da sóbria utilidade a quaisquer tendências artísticas. Isto era especialmente verdadeiro no caso da decoração pessoal — no vestuário, por exemplo.⁷⁰ Essa poderosa tendência para a uniformidade da vida, que hoje em dia tão fortemente contribui para a padronização capitalista da produção,⁷¹ tinha o seu fundamento ideal no repúdio de toda idolatria da carne.⁷²

É claro que não se pode esquecer que o puritanismo encerrava em si um mundo de contradições, e que o senso instintivo para a grandeza intemporal da Arte ocupava, sem dúvida, um lugar mais importante em seus líderes do que entre os Cavaleiros,⁷³ e que um gênio original como Rembrandt, por menos aceitável que fosse a sua conduta aos olhos da graça do Deus puritano, foi influenciado no caráter de suas obras pelo meio sectário em que vivia.⁷⁴ Isto não altera, todavia, o conjunto, pois a poderosa interiorização da personalidade

• Festa com a qual se comemoraram na Europa as flores da primavera.

•• Em inglês no original. Traduções aproximadas, respectivamente: "conversa fiada", "futilidades" e "vã ostentação".

almejada, de fato conseguida, pelo puritanismo, só chegou a expressar-se pela literatura, e, mesmo assim, num desenvolvimento bem posterior.

Sem podermos nos aprofundar na discussão dos efeitos do puritanismo em todos esses setores, já temos idéia de que a admissibilidade do prazer nos bens culturais, produzida por uma atividade puramente estética ou esportiva, sempre encontrava uma limitação: eles não poderiam custar nada. O homem é apenas um guardião dos bens que lhe foram confiados pela graça de Deus. Como o servo da Bíblia, deve prestar conta até o último centavo,⁷⁵ não lhe sendo, pois, nem um pouco imaginável gastar o que quer que fosse sem uma finalidade que não a glória de Deus, mas apenas para a sua própria satisfação.⁷⁶ Quem, que não tivesse os olhos abertos, já não encontrou representantes desse ponto de vista, até no presente?⁷⁷ A idéia do dever do homem para com os bens que lhe foram confiados, aos quais se subordina como administrador, ou até como "máquina de ganhar dinheiro",⁷⁸ estende-se com seu peso paralisante sobre toda a vida. Quanto maiores as posses, mais pesado será o sentimento de responsabilidade, se prevalecer a mentalidade ascética em conservá-los integralmente para a glória de Deus, ou em aumentá-los através de infatigável trabalho. A gênese desse tipo de vida remonta também, como tantos outros traços do moderno espírito capitalista, à Idade Média,⁷⁹ mas foi só na ética do protestantismo ascético que ele encontrou seus fundamentos morais mais consistentes. Seu significado no desenvolvimento do capitalismo é óbvio.⁸⁰

Esse ascetismo secular do protestantismo — por essa denominação é que podemos resumir o que dissemos até agora — opunha-se, assim, poderosamente, ao espontâneo usufruir das riquezas, e restringia o consumo, especialmente o consumo do luxo. Em compensação, libertava psicologicamente a aquisição de bens das inibições da ética tradicional, rompendo os grilhões da ânsia de lucro, com o que não apenas a legalizou, como também a considerou (no sentido aqui exposto) como diretamente desejada por Deus. A luta contra as tentações da carne e a dependência dos bens materiais era — como, aliás, os puritanos e também o grande apologeta do quakerismo Barclay, textualmente afirmava — não uma campanha contra o enriquecimento, mas contra o uso irracional da riqueza.

* *Erwerbsmaschine* no original.

Este era também considerado como o máximo do luxo, que eles condenavam como idolatria da carne,⁸⁰ por mais que tenha sido aceito pela mentalidade feudal, pois era contrário ao uso racional e utilitário da riqueza, desejado por Deus, tanto para o indivíduo, como para a sociedade. Com este último, não se desejava impor a mortificação⁸¹ ao homem de posses, mas sim o uso de sua riqueza para fins necessários, práticos e úteis. A idéia de *comfort*⁸² limita de maneira sintomática a margem de despesas eticamente permissíveis, e, naturalmente, não constitui coincidência alguma que o desenvolvimento do estilo de vida, que se prende a essa idéia, tenha sido observado primeiro, e de maneira mais clara, justamente entre os representantes mais consequentes de toda essa concepção de vida: os quakers. Ao brilho e pompa cavaleiresca, que dá preferência à surrada elegância de uma simplicidade prosaica, assentada sobre uma base econômica instável, sucede-se como ideal o conforto limpo e sólido do *home*⁸³ burguês.

No que se refere à produção da riqueza privada, a ascese condenava tanto a desonestidade como a ganância instintiva. A ânsia de riqueza com um fim em si era condenada como *covetousness*,⁸⁴ "mamônismo" etc...., pois a riqueza em si era uma tentação. Já surgia, todavia, o ascetismo como o poder que "sempre quer o bem quando cria o mal",⁸⁵ o mal sendo no caso a riqueza e as suas tentações. Isto porque, ele não se limita a encerrar, de acordo com o Velho Testamento e com a avaliação ética das "boas obras", como altamente repreensível a ambição pela riqueza em si; e como sinal da bênção divina, a sua conservação através do trabalho profissional. Mas, o que era ainda mais importante: a avaliação religiosa do infatigável, constante e sistemático labor vocacional secular, como o mais alto instrumento de ascese, e, ao mesmo tempo, como o mais seguro meio de preservação da redenção da fé e do homem, deve ter sido presumivelmente a mais poderosa alavanca da expressão dessa concepção de vida, que aqui aponhamos como "espírito" do capitalismo.⁸⁶

* Em inglês no original. Traduções aproximadas, respectivamente: "conforto", "lar", "cômoda".

** *Die Kraft, die stets das Böse will, und stets das Gute schafft* (Goethe *Faust*, I).

Combinando essa restrição do consumo com essa liberdade de procura de riqueza, é óbvio o resultado que daí decorre: a acumulação capitalista* através da compulsão ascética à poupança.⁸⁴ As restrições impostas ao uso da riqueza adquirida⁸⁵ só poderiam levar a seu uso produtivo como investimento de capital. A força dessa tendência não é suscetível de medição numérica exata. Na Nova Inglaterra, essa relação apareceu, entretanto, com tanta ênfase que não escapou aos olhos de um historiador minucioso como Doyle.⁸⁶ Mas, também na Holanda, que só chegou a ser governada pelo calvinismo mais estrito durante sete anos, a maior simplicidade da vida nos círculos mais religiosos, junto com uma grande riqueza, levou a uma grande propensão ao acúmulo de capital.⁸⁸

É além disso evidente que a tendência existente em todo tempo e lugar, e também muito ativa na Alemanha de nossos dias, do "enobrecimento" das fortunas burguesas tenha sido reprimida pela antipatia puritana às formas feudais de vida. Autores mercantilistas ingleses do século XVII atribuíram a superioridade do capitalismo holandês sobre o inglês ao fato de nele não se dar regularmente o investimento preferencial da riqueza recém adquirida em propriedades fundiárias. Não se tratando, pois, de um simples enriquecimento em terras, não havia a tendência de transição para os hábitos de vida da nobreza e o consequente abandono das possibilidades de investimento capitalista.⁸⁷ A avaliação compartilhada também pelos puritanos, da agricultura como uma atividade particularmente importante, além de especialmente propícia à fé, dizia respeito (em Baxter, por exemplo) não ao *landlord* mas ao *yeoman* e ao *farmer*,⁸⁹ e, no século XVIII, não ao *Junker*⁹⁰ mas ao agricultor "racional".⁹¹ Desde o século XVII, desenvolveu-se, em toda a sociedade inglesa, o conflito entre a "squierearchy",⁹² entre os representantes da *Merrie old England*,

* *Kapitalbildung* no original. Tradução literal: "formação de capital".

Des *Erworbenen* no original.

... Em inglês no original. Traduções respectivas: "proprietário (de terras)", "lavrador" e "agricultor".

... Membro da nobreza rural alemã.

... Do inglês *squirearchy*. Tradução aproximada: "conjunto dos proprietários de terras".

e os círculos puritanos, de influência social extremamente variável.⁹³ Essas duas tendências, a da inquebrantável e ingênua alegria de viver, e a do autocontrole reservado e estritamente regulado por uma ética convencional, ainda se conservam, lado a lado, na formação do caráter nacional inglês.⁹⁴ E, da mesma forma, a primeira época histórica da colonização norte-americana é dominada pela rígida oposição entre os *adventurers*, que queriam organizar plantações com mão de obra servil, e nelas viver senhoriaismente, e a mentalidade tipicamente burguesa dos puritanos.⁹⁵

A medida que se foi estendendo a influência da concepção de vida puritana — e isto, naturalmente, é muito mais importante do que o simples fomento da acumulação de capital — ela favoreceu o desenvolvimento de uma vida econômica racional e burguesa. Era a sua mais importante, e, antes de mais nada, a sua única orientação consistente, nisto tendo sido o berço do moderno "homem econômico".

Na verdade, esses ideais tendiam a ser renegados devido à excessiva pressão das "tentações" da riqueza, o que era reconhecido pelos próprios puritanos. Repetidas vezes encontramos os mais genuínos adeptos do puritanismo nas fileiras de classes em ascensão⁹⁶ — pequenos burgueses e agricultores — e os *beati possidentes*, inclusive entre os *quakers*, frequentemente estavam prontos a renegar o velho ideal.⁹⁷ Era o mesmo destino que reaparecia, aquele que atingira o precursor da ascese secular: o ascetismo monástico da Idade Média. Neste último caso, quando a sua atividade econômica, com sua vida regrada e consumo limitado, foi plenamente assumida pelas cidades, a riqueza acumulada, ou passava diretamente às mãos da nobreza — como ocorria na época anterior à Reforma — ou ameaçava corromper a disciplina monástica, dando ensejo à necessidade de sucessivas "reformas".

Na realidade, toda a história das ordens monásticas equivale, em certo sentido, à história de um embate constante com o problema da influência secularizante da riqueza. O mesmo é verdadeiro, em grande escala, com relação ao ascetismo secular do puritanismo. O poderoso revival do Metodismo, que, em fins do século XVII, precedeu o florescimento da indústria inglesa pode ser comparado com uma dessas reformas monásticas. Transcrevemos aqui um trecho de John

de Deus gradualmente começa a transformar-se em sôbria virtude econômica, quando lentamente desfalecem as raízes religiosas, dando lugar à secularidade utilitária. Então aparece, como se pode ver em Dowden, na figura fantástica de Robinson Crusoe,⁹⁷ o isolado homem econômico, que desenvolve atividades missionárias, em vez da procura interior individual do reino dos céus, na "feira da vaidade"⁹⁸ do apressado peregrino de Bunyan.

Quando, mais tarde, se tornou dominante o princípio *to make the most of both worlds*,⁹⁹ uma boa consciência — como observa Dowden — simplesmente se transforma em meio para desfrutar uma confortável vida burguesa, muito bem retratada pelo provérbio alemão do "travessiro mole".¹⁰⁰ O que a época de grande religiosidade do século XVII legou a seus utilitários sucessores foi, todavia, uma consciência incrivelemente boa — podemos até dizer farsaicamente boa — do endinheiramento, enquanto ocorresse por vias legais. Com ela desapareceu todo o resto do *Deo placere vix potest*.¹⁰¹

Uma ética profissional especificamente burguesa surgiu em seu lugar. Consciente de estar na plena graça de Deus, e sob a sua visível bênção, o empreendedor burguês, enquanto permanecesse dentro dos limites da correção formal, enquanto sua conduta moral fosse sem manchas e não fosse objetável o uso de sua riqueza, podia agir segundo os seus interesses pecuniários, e assim devia proceder. O poder da ascese religiosa, além disso, punha à sua disposição trabalhadores sôbrios, conscientes e incomparavelmente industriais, que se aterraram ao trabalho como a uma finalidade de vida desejada por Deus.¹⁰² Dava-lhe, além disso, a tranquilizadora garantia de que a desigual distribuição da riqueza deste mundo era obra especial da Divina Providência, que, com essas diferenças, e com a graça particular, perseguia seus fins secretos, desconhecidos do homem.¹⁰³

Já Calvino tivera a opinião, muitas vezes citada, de que somente quando o "povo", isto é, a massa de operários e artesãos, fosse mantida pobre, é que ele se conservaria obediente a Deus.¹⁰⁴ Os holandeses (Pieter de la Court e outros)

⁹⁷ "Jahrmärkt der Eitelkeit" no original. Aspas do Autor.

⁹⁸ Em inglês no original. Tradução: "fazer o máximo tanto nesta como para a outra vida".

⁹⁹ Sanften Ruhekitzen no original.

Isto porque, mostrara que os líderes desses movimentos ascéticos compreendiam muito bem as relações aparentemente tão paradoxais que aqui analisamos.⁹⁵ Assim escreve ele:-

"Temo que, toda vez que a riqueza aumenta, a religião diminui na mesma medida. Não vejo, daí, como é possível, na natureza das coisas, conservar durante muito tempo qualquer revivência da verdadeira religião. Porque a religião deve necessariamente produzir tanto a operosidade (*industry*)⁹⁶ como o senso de economia (*frugality*),⁹⁷ e essas só podem produzir riqueza. Quando esta aumenta, crescem o orgulho, a paixão e o amor ao mundo em todas as suas formas. Como será então possível ao Metodismo, isto é, a uma religião do coração, continuar neste sentido, por mais que agora esteja a florescer como uma árvore nova? Os metodistas tornaram-se laboriosos e econômicos⁹⁸ em toda parte; consequentemente, aumenta a sua riqueza. E, proporcionalmente, crescem neles o orgulho, as paixões, os apetites da carne e do mundo, e a soberbia da vida. Assim, embora permaneça a forma da religião, seu espírito rapidamente se desvanece. Não haverá algum meio para evitar essa decadência da pura religião? Não devemos deixar de recomendar às pessoas que sejam laboriosas e econômicas. Devemos exortar todos os cristãos a ganhar tudo o que for possível, e a economizar o máximo possível; isto é, em outras palavras, a se enriquecerem."⁹⁹

Segue-se a exortação de que "aqueles que ganham tudo o que podem e poupam quanto podem" também "devem dar tudo o que podem", para assim crescer na graça de Deus, e amealhar um tesouro no céu. Vê-se aqui, até os últimos pormenores, a relação por nós assinalada.¹⁰⁰

Como salienta Wesley, obtiveram plenos resultados econômicos aqueles grandes movimentos religiosos, cujo significado para o desenvolvimento econômico estivesse, em primeiro lugar, na atuação ascética de sua educação, que geralmente aparecia depois de superado o entusiasmo inicial, puramente religioso, quando a intensidade da procura do reino

⁹⁵ Parêntese do Autor.

⁹⁶ Sparsam no original.

⁹⁷ Grifo do Autor.

"secularizaram-na", afirmando que as massas só trabalhavam quando alguma necessidade a isso as forçasse. Essa formulação de um *leitmotiv* da economia capitalista iria desembocar mais tarde na torrente das teorias da produtividade através de baixos salários. Também aqui, com o enfraquecimento de suas raízes religiosas, penetrou imperceptivelmente a interpretação utilitária da concepção de vocação, dentro do esquema por nós repetidas vezes observado.

A ética medieval, não apenas tolerava a mendicância, como a glorificou nas ordens mendicantes. Até os mendigos seculares, embora não dispusessem dos meios para fazer boas obras pela salvação de almas, foram por ela considerados e valorizados como uma "classe".⁹ Também a ética social anglicana dos Stuarts se conservou muito próxima a essa posição. Estava reservada ao ascetismo puritano a ativa participação na elaboração da dura legislação dos pobres, que fundamentalmente alterou a situação da Inglaterra. E pôde fazê-lo porque as seitas protestantes e as comunidades estritamente puritanas não chegaram a conhecer qualquer forma de mendicância em seu seio.¹⁰²

Por outro lado, do ponto de vista dos trabalhadores, havia, por exemplo, a corrente pietista de Zinzendorf a glorificar o trabalhador fiel a seu ofício,⁹⁹ que não ansiava por riquezas, mas vivia de conformidade com o modelo apostólico, sendo assim dotado do *charisma* dos discípulos.¹⁰³ Ainda mais radicais eram as idéias semelhantes que, inicialmente, prevaleceram entre os batistas.

É certo, naturalmente, que toda a literatura ascética, de quase todas as religiões, está saturada do ponto de vista de que o trabalho consciente, mesmo por baixos salários, da parte daqueles a quem a vida não oferece outras oportunidades, é algo de sumamente agradável a Deus. Nisto, a ascese protestante não produziu em si novidade alguma. Contudo, ela não se limitou a aprofundar até o máximo esse ponto de vista, pois produziu uma norma, que sozinha, bastou para torná-la eficiente; a da sua sanção psicológica através da concepção do trabalho como vocação, como meio excelente, quando não único, de atingir a certeza da graça.¹⁰⁴ Por outro lado, ela

⁹ Stand no original.

⁹⁹ Berufstreuen Arbeiter no original.

legalizou a exploração dessa específica vontade de trabalhar, com o que também interpretava como "vocação" a atividade do empresário.¹⁰⁵ Não é difícil perceber quão poderosamente a procura do reino de Deus, apenas através do preenchimento do dever vocacional, e a estrita ascese imposta naturalmente pela Igreja, especialmente nas classes pobres, iria influenciar a "produtividade" do trabalho, no sentido capitalista da palavra. O tratamento do trabalho como "vocação" era tão característico para o moderno trabalhador, como a correspondente atitude aquisitiva do empresário. For a percepção dessa situação, então nova, que levou um observador anglicano tão arguto como Sir William Petty a atribuir o poderio holandês do século XVII ao fato de os numerosos "*dissenters*"¹⁰⁶ (calvinistas e batistas) serem em sua maioria "pessoas que encaram o trabalho e a industriiosidade"¹⁰⁷ como seu dever para com Deus.¹⁰⁸

A organização social "orgânica", do tipo fiscal-monopolista, adotada pelo anglicanismo sob os Stuarts, notadamente nas concepções de Laud — ou seja, a essa ligação do Estado e da Igreja com os "monopolistas", fundamentada numa ética social cristã — opunha o puritanismo, cujos representantes eram os mais ferrenhos opositores desse capitalismo de comerciantes privilegiados pela Coroa e de empresários colonialistas, os motivos individualistas da aquisição moral e legal através da habilidade e da iniciativa de cada um, que — enquanto as empresas privilegiadas da Inglaterra não tardaram a desaparecer — teve uma parte ponderável e decisiva no desenvolvimento industrial que se deu apesar da, e contra a, autoridade do Estado.¹⁰⁹ Os puritanos (Prynne, Parker) condenavam toda relação com os "cortesãos e empresários"¹¹⁰ de cunho capitalista, uma classe eticamente suspeita, orgulhando-se de sua própria ética comercial burguesa, que, constitui a verdadeira razão das perseguições a que foram submetidos da parte daqueles círculos. Defoe propôs o combate contra a dissidência através de boicote do crédito bancário e de retirada dos depósitos bancários. A diferença entre os dois tipos de mentalidade capitalista freqüentemente acompanhava as divergências re-

¹⁰⁵ Spezifischen Arbeitswilligkeit no original.

¹⁰⁶ Em inglês no original. Aspas do Autor.

¹⁰⁷ Gewerbßleiß no original.

¹⁰⁸ Projektmachern no original.

ligiosas. Os positores dos não-conformistas, até o século XVIII, ridicularizavam estes como portadores do *spirit of shopkeepers*⁹ e como causa da ruína dos ideais da velha Inglaterra. Nisto residia também a diferença entre a ética econômica puritana e a judaica, e já os seus contemporâneos (Prynne) sabiam estar na primeira, e não na segunda, o verdadeiro *ethos* econômico da burguesia.^{10a}

Um dos componentes fundamentais do espírito do moderno capitalismo, e não apenas deste, mas de toda a cultura moderna: a conduta racional baseada na idéia da vocação, nasceu — segundo se tentou demonstrar nessa discussão — do espírito da ascese cristã. Basta ler o trecho de Franklin, transcrito no início deste ensaio, para perceber que os elementos fundamentais do que lá se denominou “espírito do capitalismo” são justamente os que ora apresentamos como conteúdo da ascese vocacional do puritanismo,^{10b} apenas sem a sua fundamentação religiosa, já desaparecida no tempo de Franklin. A idéia de que o moderno trabalho vocacional tem um cunho ascético naturalmente não é nova. A limitação do trabalho especializado, com a renúncia à Faustiana universalidade do homem por ela subentendida, é uma condição para qualquer trabalho válido no mundo contemporâneo; daí a “ação” e a renúncia” hoje inevitavelmente se condicionarem uma à outra. Esse traço fundamentalmente ascético do estilo de vida da classe média — quando se trata de um estilo, e não apenas da falta de qualquer um — foi o que Goethe quis nos ensinar:^{11a} no auge de sua sabedoria, tanto nos *Wanderjahren*, como no término de vida que ele deu a seu Fausto. Para ele, essa consciência implicava na despedida de uma era de plenitude e beleza humana, que, no decorrer de nosso desenvolvimento cultural tem tão poucas chances de se repetir como a época de florescimento da cultura ateniense da Antiguidade.

O puritano queria tornar-se um profissional,^{12a} e todos tiveram que segui-lo. Pois quando o ascetismo foi levado para fora dos mosteiros e transferido para a vida profissional, passando a influenciar a moralidade secular, fê-lo contribuindo poderosamente para a formação da moderna ordem econô-

⁹ Em inglês no original. Expressão pejorativa, cuja tradução aproximada é “mentalidade de vendeiro”.
^{10a} *Berufsmensch* no original.

mica e técnica ligada à produção em série através da máquina, que atualmente determina de maneira violenta o estilo de vida de todo indivíduo nascido sob esse sistema, e não apenas daqueles diretamente atingidos pela aquisição econômica, e, quem sabe, o determinará até que a última tonelada de combustível tiver sido gasta. De acordo com a opinião de Baxter, preocupações pelos bens materiais somente poderiam vestir os ombros do santo “como um ténue manto, do qual a toda hora se pudesse despir”.^{11b} O destino iria fazer com que o manto se transformasse numa prisão de ferro.

Desde que o ascetismo começou a remodelar o mundo e a nele se desenvolver, os bens materiais foram assumindo uma crescente, e, finalmente, uma inexorável força sobre os homens, como nunca antes na História. Hoje em dia — ou definitivamente, quem sabe — seu espírito religioso safou-se da prisão. O capitalismo vencedor, apoiado numa base mecânica, não carece mais de seu abrigo. Também o róboto caráter de sua risonha sucessora: a *Aufklärung* parece estar desvanecendo irremediavelmente, enquanto a crença religiosa no “dever vocacional”, como um fantasma, ronda em torno de nossas vidas. Onde a “plenitude vocacional” não pode ser relacionada diretamente aos mais elevados valores culturais — ou onde, ao contrário, ela também deve ser sentida como uma pressão econômica — o indivíduo renuncia a toda tentativa de justificá-la. No setor de seu mais alto desenvolvimento, nos Estados Unidos, a procura da riqueza, despida de sua roupagem ética-religiosa, tende cada vez mais a associar-se com paixões puramente mundanas, que freqüentemente lhe dão o caráter de esporte.^{11c}

Ninguém sabe ainda a quem caberá no futuro viver nessa prisão, ou se, no fim desse tremendo desenvolvimento, não surgirão profetas inteiramente novos, ou um vigoroso renascimento de velhos pensamentos e idéias, ou ainda se nenhuma dessas duas — a eventualidade de uma petrificação mecanizada caracterizada por esta convulsiva espécie de autojustificação.^{12b} Nesse caso, os “últimos homens” desse desenvolvimento cultural poderiam ser designados como “especialistas sem espírito, sensualistas sem coração, nulidades que imaginam ter atingido um nível de civilização nunca antes alcançado”.

^{12b} *Sich-wichtig-nehmen* no original.

Mas, com isto, alcançamos o campo dos juízos de crença e de valor, com os quais não deve ser sobrecarregada essa exposição puramente histórica. A tarefa subsequente seria muito mais a de apontar para o significado do racionalismo ascético, apenas aflorado por este esboço, no que se refere ao conteúdo da ética sócio-política, ou seja, para o tipo de organização e de funções das comunidades sociais, do convencionalismo ao Estado. Em seguida, deviam ser analisadas as suas relações com o racionalismo humanístico,¹¹³ seus ideais de vida e suas influências culturais; e, mais adiante, suas relações com o desenvolvimento do empirismo filosófico e científico, com o desenvolvimento científico e cultural. Então, finalmente, poder-se-ia traçar o curso de sua transformação histórica, dos princípios medievais de uma ética secular para um puro utilitarismo, através das diversas ampliações do campo da religiosidade ascética. Somente então é que se poderia avaliar a medida do significado cultural do protestantismo ascético em relação a outros elementos componentes da cultura contemporânea.

Aqui apenas se tratou do fato e da direção de sua influência em apenas um, se bem que importante, ponto de seus motivos. Seria, todavia, necessário investigar mais adiante, a maneira pela qual a ascese protestante foi por sua vez influenciada em seu desenvolvimento e caráter pela totalidade das condições sociais,¹¹⁴ especialmente pelas econômicas. Isto porque, se bem que o homem moderno seja incapaz, mesmo dentro da maior boa vontade, de avaliar o significado de quanto as idéias religiosas influenciaram a cultura e os caracteres nacionais, não se pode pensar em substituir uma interpretação materialística unilateral por uma igualmente bitolada interpretação causal da cultura e da história. Ambos são igualmente viáveis,¹¹⁵ mas, qualquer uma delas, se não servir de introdução, mas sim de conclusão, de muito pouco serve no interesse da verdade histórica.¹¹⁶

Notas do Autor

INTRODUÇÃO

1. Aqui, como em alguns outros pontos, divirjo de nosso honrado mestre, Lupo Brentano (em seu trabalho citado mais adiante), principalmente com relação à terminologia, mas também quanto a questões de fato. Não me parece vantajoso reunir na mesma categoria coisas tão diferentes como a aquisição por botim e a aquisição pela direção de uma fábrica; e menos ainda designar todas as tendências à aquisição monetária como "espírito" do capitalismo, em contraposição a outros tipos de aquisição. A segunda sacrifica toda a precisão dos conceitos, e a primeira, a possibilidade de esclarecer a diferença específica entre o capitalismo ocidental e as outras formas de capitalismo. Também na *Philosophie des Geldes*, de Simmel, a economia monetária e o capitalismo estão por demais identificados, o que prejudica a sua análise concreta. Na obra de Werner Sombart, principalmente na segunda edição de seu trabalho mais importante, *Der Moderne Kapitalismus*, a diferença específica do capitalismo ocidental — pelo menos do ponto de vista de meu problema —, a organização racional do trabalho é fortemente encoberta por fatores genéticos, que têm estado presentes em toda parte do mundo.

2. Naturalmente, a diferença não pode ser concebida em termos absolutos. O capitalismo politicamente orientado (principalmente o fisco agrícola) da Antiguidade Mediterrânea e Oriental, e mesmo da China e da Índia, permitiu o desenvolvimento de empresas racionais e contínuas, cuja contabilidade — embora conhecida por nós apenas através de defeituosos fragmentos — teve, provavelmente um caráter racional. Além disso, o capitalismo aventureiro politicamente orientado tem estado intimamente associado ao capitalismo burguês, no desenvolvimento de bancos modernos, que, inclusive o Banco da Inglaterra, têm sua origem principalmente em transações de natureza política, muitas vezes relacionadas com a guerra. A diferença entre o caráter de Paterson, por exemplo, — um promotor típico — e o dos membros da diretoria do Banco, que deram o fundamento à sua política permanente e muito cedo se tornaram conhecidos como os "usurários puritanos de Grocer's Hall", é bastante característica. Do forma semelhante, temos a aberração da política desse banco, dos mais sólidos no tempo da aventura do Mar do Sul (South Sea Bubble). Assim, ambos encobrem um ao outro. Mas a diferença está justamente nisso. Os grandes promotores e financistas não foram os criadores da organização racional do trabalho — isso em geral, e levando em conta as exceções individuais — como não o foram também esses outros representantes típicos do capitalismo financeiro e político, os judeus. Isto foi feito especificamente por um tipo diferente de pessoas.

3. Os restos de meu conhecimento de hebraico são também completamente inadequados.

4. Creio não ter que assinalar que isso não se aplica a tentativas como a de Karl Jaspers (em seu livro *Psychologie der Weltanschauungen*,